

“PARECE COCAÍNA, MAS É SÓ TRISTEZA¹”: UMA ANÁLISE DA TOXICOMANIA PELO VIÉS PSICANALÍTICO

Cristiane BARBOSA²
Guilherme W.SILOTI³
Izabele ZASSO⁴

A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas. [...] Existem, talvez, três medidas desse tipo: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela. Algo desse tipo é indispensável (FREUD, 1930, p. 83).

RESUMO

A presente pesquisa visou atender a proposta do trabalho de conclusão de curso de Psicologia, sendo que sua temática abordou possíveis significados da toxicomania, em dois sujeitos que se afirmam toxicômanos e que realizam tratamento em uma instituição de saúde mental no oeste do Paraná, perante a perspectiva psicanalítica. O objetivo principal foi investigar o significado de toxicomania nestes sujeitos a partir da análise de seus respectivos discursos. A metodologia, do ponto de vista de sua natureza, foi uma pesquisa básica, quanto a abordagem do problema, foi qualitativa, e perante os seus objetivos, esta foi de cunho exploratório. A mesma se justifica, pois, para a psicanálise, os significados entre os seres humanos são construídos de maneira singular em cada sujeito, e é a partir da palavra dita, que se encontra uma possibilidade de acesso a estes conteúdos, corroborando assim, com a utilização da Análise de Discurso. Para a realização desta, foi elaborada um roteiro de entrevista semiestruturada, buscando relacionar conceitos psicanalíticos como castração, narcisismo, autoerotismo e modo de satisfação ao uso tóxico de substâncias.

Palavras-chave: Toxicomania; Psicanálise; Análise de Discurso.

¹ Referência a música “Há tempos” de Legião Urbana

² Graduanda do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz – Cascavel, PR. E-mail: crisbarb1207@gmail.com

³ Graduando do 10º período do curso de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz – Cascavel, PR. E-mail: guilhermewsiloti@gmail.com

⁴ Psicóloga graduada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: izabele@fag.edu.br

“IT SEEMS LIKE COCAINE BUT IT'S ONLY SADNESS”: AN ANALYSIS OF TOXICOMANIA (DRUG ADDICTION) THROUGH PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT

The following research aimed to meet the proposal of the Capstone Project of the Psychology course, approaching possible meanings of drug addiction or “toxicomania” in two individuals who claim to be drug addicted in treatment at a mental health institution in Western Paraná, toward the psychoanalytic perspective. The main objective was to investigate how meaningful drug addiction is in these individuals, from the analysis of their respective speeches. The methodology was a basic research as the approach to the problem was qualitative and being connected to its objectives, it was exploratory. The same is justified because, for psychoanalysis, the significances between human beings are constructed in a unique way in each individual, and it is from the spoken word that is possible to find a possibility of accessing these contents that corroborated the use of Speech Analysis. To accomplish this, a semi-structured interview script was elaborated, approaching psychoanalytical concepts such as castration, narcissism, autoeroticism and satisfaction, related to the toxic use of substances.

Key words: Toxicomania (Drug Addiction); Psychoanalysis; Speech Analysis

1 INTRODUÇÃO

Existe na sociedade uma necessidade crescente em elaborar estudos e pesquisas quanto à temática do uso nocivo de substâncias, caracterizado também pelo nome de toxicomania; uma vez que tal fenômeno possui uma ocorrência predominante enquanto problema no campo da saúde, constituindo juntamente um problema político e social.

Portanto, o presente trabalho teve como proposta entrevistar dois sujeitos a respeito de sua relação com sua toxicomania, sendo que foi definido investigar o significado desse fenômeno nestes sujeitos, que se nomeiam como toxicômanos, a partir da perspectiva da Análise de Discurso, uma vez que, perante a ótica psicanalítica, cada sujeito se constitui de modo singular, atribui significado aos objetos de forma única e as explana por meio das palavras. Como esclarece Freud

(1930/1996) perante o sofrimento, em uma busca que procura dominar as fontes internas de nossas necessidades, a intoxicação trabalha como uma defesa, transformando a intoxicação crônica em uma forma extrema, que ocasiona o aniquilamento das pulsões.

Assim como contribui Santiago (2001) a toxicomania para psicanálise tem um valor identificatório, pois esse significante pode tornar-se, para certos sujeitos, objeto de uma escolha ou uma forma de fuga dos sofrimentos internos. Neste sentido, a principal problemática da pesquisa se formulou como sendo quais são as possíveis significações sobre a toxicomania para estes sujeitos, sempre pautado na Análise de Discurso a fim de investigar suas percepções a respeito do fenômeno.

Devido à toxicomania ser uma relação intensa do sujeito com a droga, esta se impõe como uma importante questão, devido a sua proporção preocupante. Nesse viés, se busca, por meio dos objetivos do trabalho, levantar possíveis relações que se configuram entre a toxicomania e o conceito de castração a qual se faz extremamente importante na constituição do sujeito, como também levantar hipóteses a respeito deste modo de relação do toxicômano, ou seja, como ocorre essa relação entre o desejo e o objeto, buscando também verificar a presença do autoerotismo e narcisismo, que permeiam a relação com o “eu”. E, por fim, estudar o modo de satisfação do sujeito toxicômano.

Torossian (2004) expõe que a drogadição na perspectiva da saúde pública, se caracteriza como um problema de saúde mental, pois a sociedade tem abordado essa problemática por uma via de desconsiderar-se o sujeito e enfatizar-se a substância.

Cabe salientar ainda, que segundo estudos recentes como o de Lucchese (2017) especificamente no campo da saúde mental, os usuários de substâncias como drogas e álcool encontram-se em maior exposição a fatores de risco para o desencadeamento de transtornos mentais como o Transtorno Mental Comum, por exemplo, que engloba sintomas tais como ansiedade, irritação, fobias, humor depressivo, dificuldade de concentração e de conciliação do sono, entre outros.

No que diz respeito aos dados estatísticos, segundo o Relatório Mundial sobre Drogas (2018), cerca de 275 milhões de pessoas em todo o mundo, que representam cerca de 5,6% da população mundial entre 15 e 64 anos, usaram drogas pelo menos uma vez em 2016. E cerca de 31 milhões de pessoas que usam drogas sofrem de transtornos por uso de drogas, prejudiciais ao ponto em que podem necessitar de tratamento (RELATÓRIO MUNDIAL SOBRE DROGAS, 2018).

Pensando no quadro do município de Cascavel, tem-se, de acordo com a Secretaria de Saúde, cerca de 2.000 pessoas passando por tratamentos no serviço de Divisão de Saúde Mental em Cascavel, sendo que a maioria dos casos atendidos é de dependência química e depressão. Os casos são encaminhados pelas UBSs (Unidades Básicas de Saúde), que são a porta de entrada para o tratamento.

Segundo Silva (2008) o fenômeno do consumo de drogas tem acompanhado o ser humano desde o começo de sua história e vem proporcionando os mais variados impactos ao longo do tempo. Uma vez que, com a evolução da sociedade, e as mudanças ocorridas nas dinâmicas e relações, novas características passaram a predominar, dentre estas, umas das principais é o consumismo.

Sendo assim, esse novo modo de consumo contemporâneo também proporcionou um acréscimo ao fenômeno da toxicomania, pois ocorre uma suposta oferta da possibilidade de busca por prazer e de alívio imediato do desconforto físico, psíquico ou de pressão social. Também vale ressaltar, que as drogas estão presentes em todas as classes sociais configurando, então, um dos grandes problemas da atualidade (BARROS, NEVES, DOURADO, ASSIS & MATIAS, 2008).

Melman (1992) sustenta que o fenômeno da toxicomania é um sintoma social, pois não privilegia o sujeito, mas o indivíduo consumidor, aquele que apela compulsivamente para o objeto-droga que promete a manutenção de um estado ideal de completude ocorrendo, assim, um padecimento do sujeito em detrimento do ideal consumista que rege a sociedade contemporânea, configurando uma questão psíquica, mas também ligada a demandas do contexto social.

Bauman (2001), por sua vez, também contribui com uma reflexão sobre a sociedade atual, refletindo a respeito de como o consumo não é mais visado à necessidade, e sim, ao desejo. Ainda nesse sentido, Bauman (2008) acrescenta que nessa configuração social moderna, ocorre uma tendência para a individualização, na qual as pessoas modificam e conciliam suas atividades do dia a dia. Nesse novo modelo de sociedade individualizada, as lamentações e as causas para a dor perdem o foco no grupo e se passam para o sujeito, não se indicando a injustiça e o mal funcionamento do todo social como causas a esses sofrimentos individuais, demandando respostas dos mesmos nessa nova organização social.

Nessa perspectiva, Morrin (1974) pontua que o homem moderno passou a buscar a felicidade incansavelmente e a preços elevados, muitas vezes esta como o

seu propósito último, sendo que nesta perspectiva, o consumo passou a ser o seu dogma. Fazendo importantes contribuições ao entendimento sobre a toxicomania, Le Poulichet (2012), adverte que esta deve ser frequentemente refletida e revisada, escutada, percebida e conceituada, pois, somente assim, conseguiremos quiçá compreender mais dessa singularidade do existir como sujeito.

Desta forma, foi almejada uma construção de novos conhecimentos a respeito do fenômeno da toxicomania. Conhecimentos estes, que irão contribuir para a formação acadêmica, profissional e pessoal dos envolvidos na produção do trabalho, uma vez que esta pesquisa oportunizou um maior contato com o fenômeno. Os resultados obtidos a partir da análise têm como proposta promover algum progresso a respeito do tema, contribuindo também para se pensar possíveis formas de tratamento para aqueles que vivenciam os efeitos da toxicomania e que desejem um tratamento. E fundamentalmente, partiu-se do princípio que na psicanálise é preciso, acima de tudo, trabalhar com a fala de cada sujeito, em vez de tender a generalizações. E é justamente a partir dessa escuta que algo pode se revelar sobre o tema, pois, por inúmeras que sejam as formas de consumo de drogas, o que as diferencia é a importância que a substância tem para cada sujeito, ou seja, sua relevância na vida de cada um.

2 MÉTODOS

A metodologia designada para o presente trabalho foi de natureza básica, uma vez que, segundo Kauark (2010), as pesquisas básicas visam produzir conhecimentos com determinada utilidade para o progresso científico, todavia, sem uma aplicação prática pré-definida. Em relação a abordagem do problema, a mesma é de cunho qualitativo, visto que, Kauark (2010) também aponta que nesta modalidade considera-se uma interação de forma dinâmica entre os sujeitos e o mundo real, ou seja, uma relação inseparável entre o mundo objetivo e as particularidades do sujeito, fenômeno no qual números não são suficientes para expressar. Isto corrobora com a perspectiva psicanalítica, a qual ressalta e aponta para uma singularidade presente nas pessoas e vai na contramão de estudos estatísticos.

Do ponto de vista dos objetivos, este estudo é de caráter exploratório, pois almeja como proposta um aprimoramento e uma maior familiarização do que é, e o que pode vir a significar o fenômeno toxicômano através de entrevistas realizadas e coletas

de dados com pessoas que possuem vivências para com este. Para o delineamento da pesquisa, o procedimento selecionado foi o de campo, caracterizado este, por buscar um aprofundamento dos questionamentos propostos e não uma definição de características comuns a determinado público (GIL, 2002). Assim, constata-se que, esta pesquisa visa realizar análises e interpretações da toxicomania para diferentes sujeitos através de uma coleta de dados por meio de entrevistas orientadas por um roteiro semiestruturado, buscando averiguar, portanto, possíveis significações para este fenômeno e possibilitar uma melhor compreensão deste.

2.1 Participantes

O público definido para a pesquisa foi composto por sujeitos que se declaram enquanto toxicômanos, do sexo feminino e sendo necessariamente maiores de 18 anos. Também foi utilizado como critério para o recrutamento, que estes participantes estejam submetidos a algum acompanhamento psicológico, devido aos riscos de desencadeamento de possíveis crises, como de angústia, ao manifestarem seus conteúdos. Sendo assim, foi determinado que os envolvidos serão pessoas sob acompanhamento em uma instituição do estado do Paraná, a qual é um dos órgãos que oferece tratamentos no campo da saúde mental e, precisamente, para toxicomania ou dependência química. O número de participantes selecionado foi composto por dois sujeitos, e tal aspecto se justifica pelo motivo da perspectiva psicanalítica considerar que os seres humanos atribuem significado de maneira singular e única, podendo vir a expor estes a partir de sua linguagem e discurso, o que corrobora com a utilização da Análise de Discurso, visto que, esta preocupa-se em compreender os sentidos que o sujeito manifesta através do seu discurso, pois como colabora Orlandi (2005) a linguagem é concretizada nos ideais e os ideais se evidenciam na linguagem.

A amostra se deu por acessibilidade ou conveniência, uma vez que, foi requisitado a coordenadora da instituição, juntamente com a psicóloga responsável pelos atendimentos, que indicou pessoas as quais foram convenientes a participar da pesquisa, devido ao fato destes profissionais possuírem propriedade para indicar os mesmos, levando em consideração os riscos da pesquisa.

2.2 Instrumentos

Os instrumentos necessários para a efetivação da pesquisa foram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que continha informações sobre a pesquisa, como a não obrigatoriedade de participação, possibilidade de desistência a qualquer momento, procedimentos, riscos e benefícios, juntamente com as respectivas assinaturas dos participantes. Também constou como documento a Declaração de Instituição Participante ou Coparticipante, expondo que a pesquisa está acordo com as resoluções legais necessárias e, posteriormente, a assinatura e carimbo do (a) responsável pelo local, sendo estes dois enquanto documentos legais da pesquisa.

No que se refere aos instrumentos de coleta de dados, foi utilizado um Roteiro de Entrevistas Semiestruturado elaborado pelos próprios responsáveis da pesquisa. Tal roteiro é formado por um questionário sociodemográfico, porém de forma que ainda se preserve a identidade dos participantes, e por questões que visaram abordar a relação do sujeito com a toxicomania abarcando, com isso, o objetivo geral e específicos. As questões disparadoras foram necessariamente: Me fale um pouco sobre sua vida.; Como a droga entrou na sua vida?; O que você buscava com o uso da droga?; O que sentia ao utilizar a droga?; Em que momentos que buscava a droga?; Após passado o efeito da droga, o que você sentia?; Por que a escolha dessa(s) droga(s)?; Durante os períodos de uso, que outras atividades você realiza, e que te davam satisfação?; Como você descreve o seu relacionamento com a família ou outras pessoas próximas?; Como você se sente agora?. Tais questões foram aplicadas de forma aberta, de modo a não ocasionar respostas curtas ou limitadas, mas sim, almejando que funcionem como disparadores, nas quais os participantes narraram sobre seus conteúdos e os associaram livremente, buscando respeitar preceitos da teoria psicanalítica.

2.3 Procedimentos

Após efetuada a aprovação da pesquisa pela Plataforma Brasil, foi realizado um novo contato com a instituição, e então, marcado datas distintas com os participantes da pesquisa, para assim, realizar-se a entrevista semiestruturada. Pois, como define Richardson (2007) a entrevista semiestruturada, possibilita aos entrevistados a liberdade de expressarem suas reflexões dentro do tema proposto pelos investigadores a respeito do fenômeno estudado. As entrevistas, a fim de coletar as informações, ocorreram nas instalações de uma instituição pública no Oeste do Paraná, sendo que uma delas durou aproximadamente uma hora e a outra por aproximadamente uma hora e trinta minutos cada. Os materiais utilizados na entrevista foram o roteiro de entrevista impresso e de

posse apenas dos acadêmicos, no qual consta as questões que oportunizarão a investigação do fenômeno; e um gravador, para registro das respostas dos sujeitos entrevistados, as quais foram transcritas, mantendo-se o sigilo dos envolvidos e, seguidamente, descartadas.

2.4 Análise dos dados

Os participantes da pesquisa não foram em nenhum momento identificados, sendo, portanto, designados nomes fictícios para os devidos sujeitos.

Os dados fornecidos pelos sujeitos entrevistados foram submetidos a Análise do Discurso (AD), visto que, tal metodologia caminha na mesma direção da visão psicanalítica, que considera que os sujeitos (do inconsciente) se estruturam a partir da linguagem. Orlandi (2003) ainda dispõe que o termo “discurso”, quanto a sua etimologia, possui em si a ideia de curso, de percurso, e logo, movimento. O discurso é, portanto, a palavra em movimento, uma prática da linguagem, sendo que, na AD busca-se entender a língua fazendo sentido no campo do simbólico, social e constitutivo do homem e sua história.

Cabe apontar ainda, que este modo de estudo possibilita olhar para o homem, e sua capacidade de significar e significar-se, concebendo a linguagem como uma mediação necessária entre o ser humano e a realidade (ORLANDI, 2003).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que se refere aos resultados obtidos a partir da coleta de dados, cabe apontar que foram realizadas duas entrevistas, guiadas por um roteiro semiestruturado, com duas pessoas. Tais pessoas, foram selecionadas em acordo com a instituição que realiza o tratamento destas, sendo que, foram indicadas pela direção e profissionais responsáveis, por via de acessibilidade ou conveniência, considerando o viés do presente estudo.

Previamente, os responsáveis pela pesquisa explanaram a proposta da mesma, e em seguida leram, junto aos entrevistados, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, buscando situar os envolvidos quanto às implicações deste trabalho, como também, seus riscos e benefícios.

Em relação aos dados sociodemográficos coletados, os sujeitos entrevistados foram duas mulheres, ambas com a idade de 24 anos, e residentes do município de

Cascavel, Paraná. Sobre a escolaridade de ambas, a primeira entrevistada informou ter estudado até o ensino médio, sendo que, mais adiante durante a entrevista, ela relatou que parou seus estudos no terceiro ano, quando engravidou de sua filha. A segunda entrevistada, compartilhou que estudou até a oitava série, do ensino fundamental, e veio a explicar depois, que saiu da casa de seus pais quando tinha doze anos. No que se trata a ocupação ou profissão delas, a primeira informou que não trabalha fora e somente auxilia nos serviços domésticos de sua casa. A segunda entrevistada contou que já trabalhou com serviços gerais, não especificando ou entrando em mais detalhes sobre estes.

Quanto a duração das entrevistas, a primeira estendeu-se por aproximadamente uma hora, enquanto a segunda, por aproximadamente uma hora e meia. Outro aspecto de certa relevância, concerne ao período de tratamento de cada uma das entrevistadas. A primeira entrevistada encontra-se em um momento de desenvolvimento inicial do tratamento, sendo que, estava em abstinência de seu uso de substâncias por apenas três dias. A segunda, por sua vez, apresentou-se em um momento avançado quanto ao tratamento, uma vez que, situava-se em um período de abstinência de aproximadamente quatro meses.

Tal aspecto mostrou-se relevante por, aparentemente, surtir um efeito no próprio discurso das pessoas em questão. A entrevistada 1, por vezes, apresentou uma baixa disponibilidade a fala, de modo que, após algumas perguntas mais longas, ela respondeu não compreender o questionamento ou não saber responder. Também constaram com certa frequência respostas breves ou sucintas. No final da entrevista, ela apresentou um tipo de esgotamento de palavras, anunciado este pela narrativa: “Eu acho que já falei demais”.

A entrevistada 2 apresentou uma elevada disposição a falar, acompanhada de boa capacidade de anunciar pela via da linguagem. No decorrer da entrevista ela dispôs de falas longas, sendo que, com frequência, pouco foi necessário questioná-la, para que ela pudesse vir a relatar sobre si. Em contrapartida a isso, o material relatado pela entrevistada 1 proporcionou bastante conteúdo analisável, considerado então, um discurso bem rico. A entrevistada 2, por sua vez, apesar de ter falado mais, forneceu um material mais difícil de ser analisado, pois seu discurso aparentava dar mais voltas do que adentrar aos conteúdos de fato, visados quanto aos objetivos do trabalho, o que indica que, não é o aspecto de o sujeito ter falado mais que caracteriza seu discurso como mais rico. É notável, que não é possível justificar plenamente a condição dos

discursos das envolvidas em relação ao período de tratamento, no entanto, foi definido como pertinente inferir tal associação.

Cabe salientar, que o presente estudo, não configura um estudo comparativo. Todavia, através da coleta dos dados, considerando também a perspectiva teórica da pesquisa, foi possível inferir algumas alteridades quanto aos sujeitos analisados, que se constituirão por nomes fictícios, sendo a primeira entrevistada Clarisse, e a segunda entrevistada como Natasha.

3.1 ANÁLISE DE CLARISSE⁵ - A REPETIÇÃO QUE FAZ ECO

“Meia Noite
Num frio que é um açoite
A confeitaria e seus doces
Sempre vem oferecer
Furta-cor de prazer
E não há como negar
Que o prato a se ofertar
Não a faça salivar”⁶

Ao analisar mais detalhadamente as narrativas de Clarisse, é possível verificar algumas possibilidades de direcionamento quanto a sua relação com a toxicomania. Logo de início, foi indicado a ela, para que falasse sobre si, sobre sua história, e como foram seus primeiros contatos com o uso de substâncias, visando averiguar em quais circunstâncias este modo de relação passou a ser adotado. Sendo assim, a entrevistada relatou: *“Ah, então, eu comecei a usar depois que minha mãe faleceu. Eu era muito nova e tinha 14 anos, e comecei com, comecei com a maconha, com o cigarro né, com o cigarro, com a maconha. E daí foi indo, foi indo, foi indo, fui me envolvendo mais, conhecendo mais pessoas, é, parecidas, com o mesmo problema que eu. Aí eu conheci a cocaína, fiquei bastante tempo na cocaína, e ultimamente eu tô no crack”*.

Ao considerar este trecho, é possível vincular com o que Freud (1930) abrange em sua obra intitulada “O Mal-Estar na Civilização”, na qual o autor aponta que durante a vida, são ocasionados muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis, sendo que perante tais situações, os seres humanos recorrem a medidas paliativas. Dentre estas medidas, encontram-se o uso de substâncias tóxicas, que proporcionam uma maior insensibilidade a estas debilidades vividas pelo homem. No caso analisado, Clarisse

⁵ Nome fictício designado para a entrevistada 1 em referência a música “Clarisse” de Legião Urbana.

⁶ Trecho de música intitulada “Freguês da meia noite” do artista Criolo. Tal trecho foi definido como pertinente de ser citado em relação aos relatos da entrevistada e quanto a temática da pesquisa.

relaciona o começo de seu uso com a morte de sua mãe, uma grande perda, que provavelmente acarretou a ela grande angústia, sendo assim, entende-se que para lidar com esta perda, a pessoa em questão recorreu ao uso tóxico de substâncias para tentar tolerar esta falta, tornando-se mais insensível a esta, como o pai da psicanálise teorizou, em um sentido de evitar o desprazer, propiciado pela perda, junto a uma busca por prazer. Cabe ressaltar, que ao falar-se em tentativa de lidar com uma falta, refere-se a um sujeito faltante, ou seja, castrado, porém que perante tal situação, passou a adotar um meio de relação bastante específico, que passou a vigorar e a gradualmente se intensificar até os dias atuais, passados dez anos.

Mais adiante Clarisse, quando questionada sobre o que ela sente quando realiza o uso, ela respondeu: *“Prazer”*, em seguida, perguntou-se a ela: *“Prazer? Sempre prazer? Mais alguma outra coisa assim?”*, e então ela apontou: *“Vou em busca assim, de uma coisa que eu não tenho. Tipo, ou que eu não tenho muito como me ocupar, eu não trabalho né, então tipo, ah, eu vou fumar porque, porque eu tô feliz, ah eu vou fumar porque eu tô triste, eu vou fumar porquê... sabe assim, eu fico procurando preencher parece, um vazio que tem dentro de mim.”*

Após considerar este outro relato de Clarisse, fica mais nítido que se trata de uma tentativa de lidar com uma falta eminente, referido no discurso através de significantes como *“uma coisa que eu não tenho”* ou *“um vazio que tem dentro de mim”*, mas de modo tal qual, enquanto toxicômana, isto passa a caracterizar um modo de satisfação específico o qual, inclusive, parece dificultar possíveis elaborações, marcado pela fala: *“ah, eu vou fumar porque, porque eu tô feliz, ah eu vou fumar porque eu tô triste, eu vou fumar porque... sabe assim, eu fico procurando preencher parece, um vazio que tem dentro de mim.”*. Logo, tem-se a impressão que este modo de relação pode tender a tomar conta da vida do sujeito, sendo que o consumo da substância passa a ser uma imediata resposta para qualquer desconforto, qualquer angústia ou percepção de faltas por parte deste, ou seja, uma possibilidade de preenchimento para qualquer lacuna que vem a surgir no decorrer de suas vivências.

Ao abordar-se o recorte: *“Vou em busca assim, de uma coisa que eu não tenho”*, é possível pensar também no conceito de objeto discorrido por Freud (1905/1996). O idealizador da psicanálise dissertou em sua obra que, em períodos iniciais, a primeira de todas as satisfações está relacionada a ingestão de alimentos, a qual é disponibilizada aos pequenos seres através do seio materno, caracterizando então, um objeto externo. No entanto, tal objeto só é sentido como perda, quando a criança formula uma ideia

total de quem provê o órgão a ela. Somente após a passagem pelo Édipo, e seguidamente, depois do período de latência, é que o sujeito, agora na puberdade, pode descobrir tal objeto, o que marca na verdade, uma redescoberta. Sendo assim, no decorrer da vida psíquica, os seres humanos empenham-se em alcançar novamente este objeto, o qual em períodos remotos, era percebido como autoerótico, oferecendo sensações de completude, uma vez que o bebê percebia tal objeto, como parte de si. Portanto, ao considerar a fala: *“Vou em busca assim, de uma coisa que eu não tenho”*, fica a impressão de que esta “coisa”, refere-se na verdade a um objeto, o objeto perdido, aquele que proveria ao sujeito, a condição de completo.

Deste modo, é possível ponderar também, tal como aponta Nogueira Filho (1999), que dispôs que o efeito das drogas ocasiona em uma ilusão de que o prazer não necessita realizar a passagem pelos significantes e, assim, pode se perpetuar, e de forma constante. Porém, essa solução não é mútua, pois se ela opera na fonte pulsional, o toxicômano se deparará com o terrível drama do equilíbrio interno, então o corpo se acostuma à substância, podendo acarretar no que se conhece também como aumento da tolerância (MELMAN, 1992).

Considerando ainda este modo de relação, foi questionado mais à frente a entrevistada, se, nos momentos em que ela faz o uso de substâncias, sentia prazer em outras atividades, e, portanto, ela respondeu: *“Tipo assim, se eu fumar maconha em casa, eu faço o serviço, eu limpo a casa, eu passo roupa, tipo, eu me animo, sabe? Agora quando eu tô no crack, no álcool, eu não tenho prazer em nada”*, e depois continuou: *“não sinto prazer nem de, nem em sexo eu tenho prazer, eu não sinto prazer em nada”*. Após averiguar estas falas, dá-se a entender que este modo de relação, além de vir a tornar-se a resposta imediata para as tentativas de lidar com faltas do sujeito, isto passa a ser a única resposta possível também, de modo que até mesmo o ato sexual, uma das formas mais diretas de satisfação, deixa de ser uma possibilidade de satisfação.

Continuando com a caracterização deste modo de relação da toxicomania, foi perguntado a Clarisse sobre seus ciclos de amizades, sobre outras pessoas com quem ela se relacionaria, e assim ela relatou: *“Eu tenho bem pouco amigo (...) bem poucos. Tipo assim, uma pessoa pra conversar, tomar um café assim, que vai em casa... sem o uso eu não tenho amigo nenhum, que não usa, todos eles usam”*. Em seguida, pediu-se a ela, se seus amigos estariam então, sempre ligados ao uso, e ela disse: *“Sempre ligado ao uso”*. Depois perguntou-se a ela, se ela via alternativas de se relacionar sem estar ligado a utilização de substâncias, e ela concluiu: *“Não, eu me sinto assim, meio fechada pra*

essas coisas”. Sendo assim, a impressão que se gera, é de que o uso de drogas, passa a preencher tanto o sujeito, de forma que o limita a relacionar-se com outras pessoas, ou seja, que em seu circuito pulsional não há espaço para estabelecer conexões com outros.

Outro aspecto que se destaca, é o de que a substância passa a assumir um valor aparentemente absoluto perante a existência do sujeito, passando a regular sua vida como algo essencial ou até mesmo básico, quase que indispensável para a sobrevivência, o que foi constatado através da narrativa: *“Não, eu não consigo ficar sem, parece que é igual uma comida, quando a gente sente fome, cê tem que comer”*. Portanto, como pontua Conte (2003) o corpo nas toxicomanias, coloca-se em evidência e presentifica-se numa estranha relação em que cumpre a função de serviçal para com um mestre. Mais adiante, a entrevistada exemplificou novamente essa alta necessidade do consumo da substância em sua vida, como se fosse uma necessidade básica mesmo, pela via da fala: *“igual a sede, tipo, eu tô com sede, quero um copo de água, eu vou ali tomar um copo de água”*. Essa urgência da satisfação pulsional pode então, tal como afirma Nadvorny (2006), tornar a droga uma questão de vida ou morte, que justificaria qualquer tipo de atitude, como até mesmo o rompimento de barreiras morais, através de transgressões como roubar, mentir ou matar.

No decorrer da entrevista, enquanto Clarisse compartilhava sobre seu uso, ela narrou: *“Não, não é fácil. E eu queria parar, mas... E agora tá tendo umas droga nova aí, uma droga mais pesada, um crack mais pesado, cê fica sabe, cê fica alucinado mesmo, cê vê coisa, cê vê gente chamando, cê vê... cê vê pessoa onde não tem, vê coisa onde que não tem (...) bem alucinógeno mesmo”*. Ela relatou, portanto, que essa se tratava de uma droga mais forte que o próprio crack, a qual é conhecida por “Cloud”, e que ela já veio a fazer o uso. Sendo assim, ao falar dos efeitos que esta droga ocasionava nela, ela contou: *“Ele dá o efeito na hora assim que você fuma, você já, sabe, eu mesma, eu paraliso, eu fico, sabe, sem reação, eu não consigo falar, eu não consigo conversar, sabe, fico igual um zumbi (...) Eu não sinto nada assim, parece que parou o mundo, parece que parou (...) Parou, parou ali, e eu fico ali, sabe, ai demora, passa alguns minutos assim, uns minutos, ou até horas, ai que eu vou voltando na realidade, eu vou vendo o que que eu tô fazendo, onde que eu tô, esses dias eu fumei e eu não sabia nem onde eu tava, no bar onde eu tava, não sabia nem onde que eu tava, de tão assim... (...) Perde até a noção de onde tá, e num come, ai num dá fome, num dá... dá só vontade de beber, num come, num dá sono...”*.

De tal modo, com estas informações

compartilhadas, é possível fazer associações com o que Freud (1915/2004) relatou em sua Teoria das Pulsões. O autor, ao dissertar sobre este conceito, considerou pressupostos, dentre estes, o de maior relevância seria de cunho biológico, no qual é disposto que o sistema nervoso tem como função remover os estímulos que o afetam, ou seja, busca-se uma redução ao patamar mais baixo, e que se possível, se manteria totalmente livre dos mesmos. Freud ainda aponta que os seres humanos estão submetidos ao princípio de prazer, e este, se regula por sensações de prazer e desprazer, de forma que, as sensações de desprazer possuem relação com o acréscimo de estímulos; enquanto as de prazer relacionam-se com o decréscimo de estímulos. Logo, formula-se a ideia de que os movimentos da vida pulsional dos sujeitos possuem como finalidade encontrar satisfação, marcada por uma constante tentativa de redução ao nível mais próximo de zero possível. Ao vincular tais postulados com as falas da entrevistada, percebe-se que os efeitos propiciados a ela pelo uso de substâncias, principalmente esta droga “mais forte”, obedecem este direcionamento, visando uma redução ao nível mais baixo possível, sendo que é possível pensar esta redução como uma tentativa de retorno ao inanimado, no qual a tensão seria reduzida a zero.

Sendo assim, é possível relacionar significantes exibidos na fala da entrevistada com esta tentativa de retorno ao inanimado, considerando os seguintes trechos: *“fico igual um zumbi (...) Eu não sinto nada assim, parece que parou o mundo”*. Ao ponderar-se a respeito da palavra zumbi, cabe apontar que um zumbi seria um morto-vivo, indicando um sentido ambivalente, uma pessoa que estaria viva, porém morta ao mesmo tempo, ou seja, uma forte conexão com este retorno ao inanimado, de modo que o sujeito neste estado estaria quase que completamente insensível a qualquer forma de sofrimento ou faltas, podendo-se dizer que estaria; portanto, praticamente completo.

Além disso, é possível trazer a luz a seguinte colocação de Aulagnier (1985), que explana que a toxicomania é um compromisso entre o desejo de preservar e o desejo de reduzir ao silêncio a atividade de pensamento do Eu. Sobre essa redução a qual o autor se refere, pode-se também caracterizar pela redução das atividades pulsionais do sujeito, vinculadas novamente pelas sentenças: *“ele dá o efeito na hora assim que você fuma, você já, sabe, eu mesma, eu paraliso, eu fico, sabe, sem reação, eu não consigo falar, eu não consigo conversar, sabe, fico igual um zumbi (...) Eu não sinto nada assim, parece que parou o mundo, parece que parou (...) Parou, parou ali”*.

Outro ponto que chama a atenção, trata-se da forma em que Clarisse aborda seu uso, marcado pela fala: *“fiquei bastante tempo na cocaína e, ultimamente, eu tô no*

crack”. Dá-se a entender que o sujeito em questão, refere-se a droga como se fosse um lugar. Mas que lugar é este que tal uso propicia? E, além disso, o que faz com que um sujeito precise buscar por este lugar?

3.2 ANÁLISE DE NATASHA⁷ – (IN)DEPENDÊNCIA AMBI(VALENTE)

Continuando com as análises, foram selecionados recortes do discurso da segunda entrevistada, julgados pertinentes quanto a direção da pesquisa, buscando-se realizar associações com conceitos psicanalíticos e, assim, traçar características em relação a sua toxicomania e este modo de satisfação pulsional. Logo, ao questioná-la como se iniciou o seu uso, foi relatado: *“sai de casa com doze anos e não voltei mais, hoje eu tenho vinte quatro anos, eu morei com minha mãe, criança, porque eu saí de casa com doze anos e foi assim que se iniciou, entendeu, tipo assim, muitas mágoas, muitas brigas com ela que eu tive e tal, então isso foi gerando um conflito, gerando mágoas, gerando coisas dentro de mim, revolta e eu acabei indo pra esse mundo lá fora e foi assim que eu comecei a usar as drogas”*.

Sendo assim, é possível relacionar este trecho com o que Freud (1930) postulou em relação ao uso tóxico de substâncias, uma vez que, ao deparar-se com sofrimentos e angústias, os homens acabam por recorrer a este uso por uma via de medidas paliativas, de forma a tornarem-se mais insensíveis a tais circunstâncias. Neste caso, a entrevistada relacionou seu início de uso com sua saída da casa dos pais, e isso, devido a conflitos com sua mãe. Portanto, sugere-se que ao ter que enfrentar tais dificuldades, o consumo de drogas apareceu como uma alternativa viável para este sujeito ofertando, então, um apaziguamento para suas angústias e faltas.

De tal maneira, Freud (1930) contribui trazendo a definição do uso de drogas como sendo uma tentativa de suspensão da existência frente à dor de viver, a cada desequilíbrio, as substâncias tóxicas atuariam como um amparo contra a aflição, a intoxicação seria um modo de aguentar o mal-estar necessário imposto ao ser humano que existe em cada organização civilizatória. Logo adiante, ela continua: *“e também comecei a ter os contatos com essas pessoas que mexia com isso, tal, e assim foi, eu fui independente treze anos”*. Ao considerar-se esta fala, fica-se a impressão de que a entrevistada emitiu um ato falho, já que um sentido lógico em sua narrativa seria que ela relatasse: *“eu fui dependente treze anos”*, remetendo-se a dependência química, no

⁷ Nome fictício designado para a entrevistada 2 em referência a música “Natasha” de Capital Inicial

entanto, ela conta: *“eu fui independente treze anos”*. Em sua fala seguinte, a entrevistada compartilha: *“então... quando eu saí de casa daí eu conheci meu primeiro marido, que foi meu primeiro homem e tal, fiquei cinco anos casada com ele, aí tanto que ele mexia com isso, foi aí que eu comecei tudo, a usar, mexe com isso, e depois eu fui morar com meu pai, meu pai é alcoólatra, daí fiquei um tempo cuidando dele e tal, fui embora, voltei pra cá, e voltei para São Paulo de novo e assim foi, minha vida sempre foi ir, e voltar, ser independente, mesmo com minhas drogas ou não, mas não fica com minha família entendeu, sempre separado deles, foi assim que iniciou minha vida... por brigas de família assim, por muitas coisas que minha mãe me falava. Aí tipo colocava na cabeça, guardava aquela mágoa e fugia pras drogas, pra esquece aquilo pra... uma fuga da realidade vamos dizer assim né...”*.

Ao avaliar esta sequência de falas, optou-se por realizar um enfoque quanto ao significante “independente”, dito pela entrevistada por duas vezes nesta sequência. Primeiramente, entende-se que ela falava a respeito de sua dependência química, entretanto, a partir de um ato falho ela conta: *“fui independente”*. Em sua fala que se segue, ela relata: *“(...) minha vida sempre foi ir, e voltar, ser independente, mesmo com minhas drogas ou não”*. Portanto, ela verbalizou que sempre buscou ser independente, estando fazendo o uso de substâncias ou não, ou seja, mesmo ao consumir drogas, ela estaria independente. Pode-se dizer, que uma pessoa independente seria alguém que não depende de nada, ou ninguém, somente de si mesmo.

Deste modo, cabe pensar neste momento quanto ao conceito psicanalítico conhecido como autoerotismo. Freud (1914) disserta sobre tal conceito em sua obra referente ao narcisismo, e trata do autoerotismo em uma fase inicial da vida pulsional, marcado pelo narcisismo primário, em um momento no qual o bebê recém-nascido encontra-se alienado a mãe, ao desejo materno, percebendo esta portanto, como uma extensão do próprio corpo, caracterizando então, as formas de satisfações experimentadas como autoeróticas. Freud relata ainda, que uma das sagas da vida humana seria a busca incessante para retornar a este momento inicial do narcisismo primário, no qual experimentava-se este autoerotismo, propiciando assim, uma sensação de completude, ou seja, livre de faltas.

Logo, o autoerotismo se mostra como um dos mais importantes fundamentos para compreender-se o ato de se drogar, e sobre esse ato Freud (1930) destaca que é aí que o perigo reside, no desligamento da realidade, no qual se busca não só a produção imediata de prazer, mas também uma independência do mundo externo, sendo possível,

através desse amortecedor de angústias, gerar um refúgio para o sujeito em um mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade e, nessa propriedade, reside o seu perigo de causar sérios danos.

Sobre as relações familiares na história da entrevistada, estas aparecem em seu discurso marcadas por vários indicativos ambivalentes, uma vez que ao longo de seus relatos, foram pontuadas várias cenas familiares, exibindo traços tanto de amor, como de ódio, atuando assim, em seu consumo toxicológico, por hora como desencadeadores, como na fala: *“me senti aquela filha desprezada, sempre a última a se preocupa... a isso e aquilo... gerava muita briga... gerava muito rancor”*, e por hora inibidores, como na narrativa: *“pedi perdão para minha família, por tá sempre longe deles, por tudo que aconteceu, e todo mundo me deu a mão e tá indo”*, ao falar sobre seu período de tratamento e abstinência. A entrevistada também, com frequência, ressalta sua figura maternal em sua vida, acompanhada de fortes conflitos com esta, a partir de falas como: *“eu me sentia a filha desprezada no caso, minha mãe não ligava mesmo muito”*.

A partir destes trechos, é possível se pensar, tal como foi disposto por Freud (1915), sobre a passagem do sadismo para o masoquismo, em relação aos conceitos pulsionais. Em um primeiro momento, a entrevistada aponta sentimentos rancorosos referentes a seus familiares, associando seu uso de drogas como resultante deste enlace conflituoso. Em um segundo momento, ela aparenta sentir-se culpada de seus atos, relatando que pediu perdão a sua família, ou seja, sentimentos negativos, antes voltados para seus membros familiares, voltam agora para seu próprio Eu, em formato de culpa.

Continuando com a entrevista, ao falar sobre seus períodos de uso, a entrevistada compartilhou: *“e sei que tava nessa vida, dava uma parada, mas voltava, só que, sempre assim, eu parei por conta dois anos, por causa que daí da minha gravidez, porque daí quando veio meus filhos, daí tal, falei ah, daí eu tive que para né, daí eu tive que parar, de realmente, de fuma, de... só que daí, depois eu voltei, e voltei pior ainda, e nessa última vez eu tava pior ainda, porque eu tava assim mesmo já preparada pra ir para o fundo do poço mesmo”*. Analisando este recorte é possível vinculá-lo com o que Freud (1924/1996) aponta em relação a tentativa compensatória das mulheres por não possuir um falo, a qual seria, ter um filho. Segundo o autor, devido às diferenças anatômicas, a reação das meninas perante o complexo de castração seria diferente da dos meninos, pois nessa fase, as meninas aceitam a castração como um fato consumado; no entanto, tentam compensar através do desejo de ter um filho, de modo que, ao possuir um filho, a mulher se sentiria completa.

Correlacionando estes aspectos com a fala da entrevistada, ela conta que o período em que ela parou “por conta” de realizar o seu uso de substâncias, foi um período de dois anos, recorrente de sua gravidez. Sendo assim, torna-se possível inferir, que ao saber de sua gestação, a entrevistada se perceberia enquanto completa, ou seja, não faltante, de modo que não precisasse mais recorrer a sua toxicomania. Outro ponto que chama atenção nesta fala, trata-se do trecho: *“só que daí, depois eu voltei, e voltei pior ainda, e nessa última vez eu tava pior ainda, porque eu tava assim mesmo já preparada pra ir para o fundo do poço mesmo”*. Dá-se a entender, que após realizar o que se conhece como a separação em relação a seus filhos, a entrevistada poderia, portanto, direcionar energia libidinosa para outras esferas de sua vida, todavia, ao que isso ocorre, ela se depara novamente com aspectos faltantes, o que parece ter acarretado angústias a ela, de modo que retomou ao seu uso de substâncias de forma pior, mais gravosa, o que levaria ela ao fundo do poço.

“A noite chega e o frio também, sem
demora
E a pedra, o consumo aumenta a cada hora
Pra aquecer ou pra esquecer, viciar
Deve ser pra se adormecer, pra sonhar
Viajar na paranoia, na escuridão
Um poço fundo de lama, mais um irmão”⁸

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta pesquisa, foi possível para os responsáveis desta, adentrar um pouco no universo do fenômeno conhecido como toxicomania. O uso tóxico de substâncias, tal qual havia sido colocado por Freud (1930), aparece como uma alternativa para os seres humanos inseridos em alguma forma de civilização, em tentar-se lidar com o intolerável, com as angústias e aspectos faltantes dos sujeitos; de modo que este uso, torna-os mais insensíveis perante tais dores do convívio em comunidade.

Cabe ressaltar ainda, que o presente estudo não buscou o estabelecimento de características universais, sequer deterministas, para aqueles sujeitos que vivenciam este fenômeno. Este trabalho possibilitou o levantamento de dados, em formato de discurso, de dois sujeitos, estes, duas mulheres de 24 anos, residentes do município onde foi realizada a pesquisa. Seguidamente, tais dados foram submetidos a Análise do Discurso,

⁸ Trecho da música intitulada “Mágico de Oz” do conjunto Racionais Mc’s. Tal trecho foi definido como pertinente de ser citado em relação aos relatos da entrevistada e quanto a temática da pesquisa.

considerando juntamente a visão da Psicanálise, ciência esta que caminha na mesma direção da metodologia escolhida, uma vez que consideram que é a partir da fala, que se pode vir a saber algo sobre os sujeitos, e os mesmos, se estruturam a partir da linguagem. Foi almejado, portanto, verificar possibilidades quanto as atribuições de significado destes sujeitos, para com seus modos de relação com a toxicomania. Quanto aos objetivos específicos, estes constavam em verificar nessa relação, as interações que se estabelecem com conceitos psicanalíticos como castração, autoerotismo e narcisismo, e próprios traços deste modo de satisfação. Sendo assim, foi constatado nos sujeitos entrevistados, que o uso de substâncias tóxicas atua como uma frequente tentativa de lidar-se com a falta, nas diversas esferas da vida, caracterizando-os como sujeitos faltantes; logo, castrados, e, portanto, neuróticos. O recurso a toxicomania exerce então, uma função na busca incessável, de não se haver com a castração.

Quanto ao narcisismo e autoerotismo, tornou-se visível, principalmente a partir de falas da segunda entrevistada, averiguar que o consumo tóxico de substâncias se coloca como um modo de relação altamente narcísico. Uma vez que o narcisismo diz do direcionamento das pulsões para o próprio Eu, em uma tentativa de retorno a etapas da vida psíquica nas quais o autoerotismo predominava, visto que este consumo refugia tais sujeitos em um universo interno e próprio. Logo, coube inclusive o levantamento do questionamento: o objeto droga é de fato, um objeto, ou o objeto em questão é o próprio Eu?

Sobre este modo de satisfação da toxicomania, foi notável que tal meio de relação oferta um suposto ou ilusório preenchimento, quase que pleno ou total para os indicativos faltantes nas vivências dos sujeitos, de forma que, passa a ser a resposta imediata para quaisquer desconfortos ou angústias vivenciadas, tendendo também a ser a única resposta possível para estas. Sendo assim, acredita-se que este é um dos riscos toxicomania, um preenchimento tão farto do sujeito, no qual não há espaço para outras relações, para mais nada.

Por fim, evidenciou-se como pertinente, apontar que esta pesquisa não se esgota, tampouco, visou-se esgotar as possibilidades de compreensões dos sujeitos envolvidos, pois a própria palavra é uma tentativa de dar conta daquilo que não se tem como dar conta totalmente, e como aponta Orlandi (2003), todo discurso é incompleto, sem início absoluto e nem ponto final definitivo. Portanto, como este trabalho deparou-se prioritariamente com a relação com a falta, foi optado por marcar o mesmo, pela falta.

"I can't get no satisfaction
I can't get no satisfaction
'Cause I try, and I try,
And I try, and I try
I can't get no
I can't get no"⁹

REFERÊNCIAS

- AULAGNIER, P. **Os destinos do prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- BAUMAN Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.
- BARROS, D. R., Neves, F. S., Dourado, J. L. G., Assis, F. E., & Matias, P. R. S. **O Despertar do Toxicômano: uma experiência em grupo**. In D. R. Barros, et al (Orgs), *Toxicomanias: Prevenção e Intervenção* (pp.153-163). João Pessoa: Editora Universitária-UFPB, 2008. Acesso em 02 de abril de 2019.
- CONTE, M. (2003) **A clínica psicanalítica com toxicômanos: o corte & costura no enquadre institucional**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC.
- FREUD, S. (1996). **O mal-estar na civilização**. In **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. 21, pp. 67-150). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).
- _____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In **S. Freud. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. 7, pp. 117-231, 1996). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1905).
- _____. **Pulsões e Destinos da Pulsão**. In **S. Freud. Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a psicologia do inconsciente** (Vol. 1, pp. 133-173, 2004). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915)
- _____. **À Guisa de Introdução ao Narcisismo**. In **S. Freud. Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a psicologia do inconsciente** (Vol. 1, pp. 95-131, 2004). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).
- _____. **A dissolução do complexo de Édipo**. In **S. Freud. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. 19, pp. 189-199, 1996). Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1924).
- GIDDENS, A. . **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GIL, A. C.. **Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil**. - 4. ed. - São Paulo:

⁹ Trecho da música intitulada "(I can't get no) Satisfaction" da banda Rolling Stones. Tal trecho foi definido como pertinente de ser citado em relação as considerações finais e quanto a temática da pesquisa.

Atlas, original 1946, tradução, 2002

KAUARK, F. **Metodologia da pesquisa**: guia prático / Fabiana Kauark, Fernanda Castro Manhães e Carlos Henrique Medeiros. – Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LE POULICHET, Sylvie. **Toxicod dependência e psicanálise**: a narcose do desejo. 2.ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.

LUCCHESI, R. et al. **Transtorno mental comum entre indivíduos que abusam de álcool e drogas**: estudo transversal. Florianópolis, v. 26, n. 1, e4480015, 2017.

MELMAN, C. (1992). **Alcoolismo, delinquência e toxicomania**: uma outra forma de gozar. São Paulo: Escuta.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Vol.1: Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1974.

NADVORNY, B. **Freud e as Dependências**. Drogas/Jogo/Obesidade. Porto Alegre, 2006.

NOGUEIRA FILHO, D. M. **Toxicomania**. São Paulo: Escuta. 1999.

NORMAS DO MANUAL DE TRABALHOS ACADÊMICOS DO CENTRO UNIVERSITÁRIO - FAG 2015.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes. 2003.

_____. **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso**. Estudos da Linguagem. Vitória da Conquista, nº1, p.9-13. Junho, 2005

_____. **As formas do silêncio**. Campinas. Editora da Unicamp, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CASCAVEL. Disponível em: <https://cascavel.atende.net/>. Acesso em: 10 de abril de 2019.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: Métodos e Técnicas. São Paulo: Atlas, 2007.

SANTIAGO, J. **A droga do toxicômano**: uma parceria cínica na era da ciência. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SILVA, E. A. da et al. **As drogas no âmbito familiar, sob a perspectiva do cinema**. Psicol. teor. prat., São Paulo, v. 10, n. 1, p. 214-222, jun. 2008.

TOROSSIAN, S. D. **De qual cura falamos? Relendo conceitos**. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 26, 9 –15. (2004). Acesso 05 de março de 2019.

WORLD DRUG REPORT 2018 (United Nations publication, Sales No. E.18.XI.9). Disponível em: http://www.unodc.org/wdr2018/prelaunch/WDR18_Booklet_1_EXSUM.pdf: Acesso em 13 de março de 2019.